

O que diz a investigação actual

A biografia (im)possível de Jesus (que não nasceu a 25 de Dezembro?)

António Marujo | 24 Dez 2023

Quem foi Jesus? E quem é ele hoje? A cada 25 de Dezembro os cristãos celebram o seu nascimento mas, quanto à sua vida, subsistem muitas dúvidas e mistérios. Fomos saber quais as mais recentes teses sobre este “judeu marginal” que “viveu num recanto do Império Romano”.



Geertgen tot Sint Jans (c. 1460-c. 1488), *Natividade à Noite*: “Impossível compor uma biografia de Jesus de Nazaré, cujo nascimento é assinalado desde há séculos a 25 de Dezembro – mesmo se não há certezas sobre a data exacta ou sequer sobre o próprio nascimento.” Imagem reproduzida da Wikipedia.

Um profeta ou um blasfemo? Um subversivo ou um sedutor? Um homem ou um deus? Um marginal ou um judeu da elite? Um amigo dos pobres e das mulheres ou um opositor aos líderes religiosos do seu tempo? Um político ou um mestre espiritual? Um sonhador ou um revolucionário?

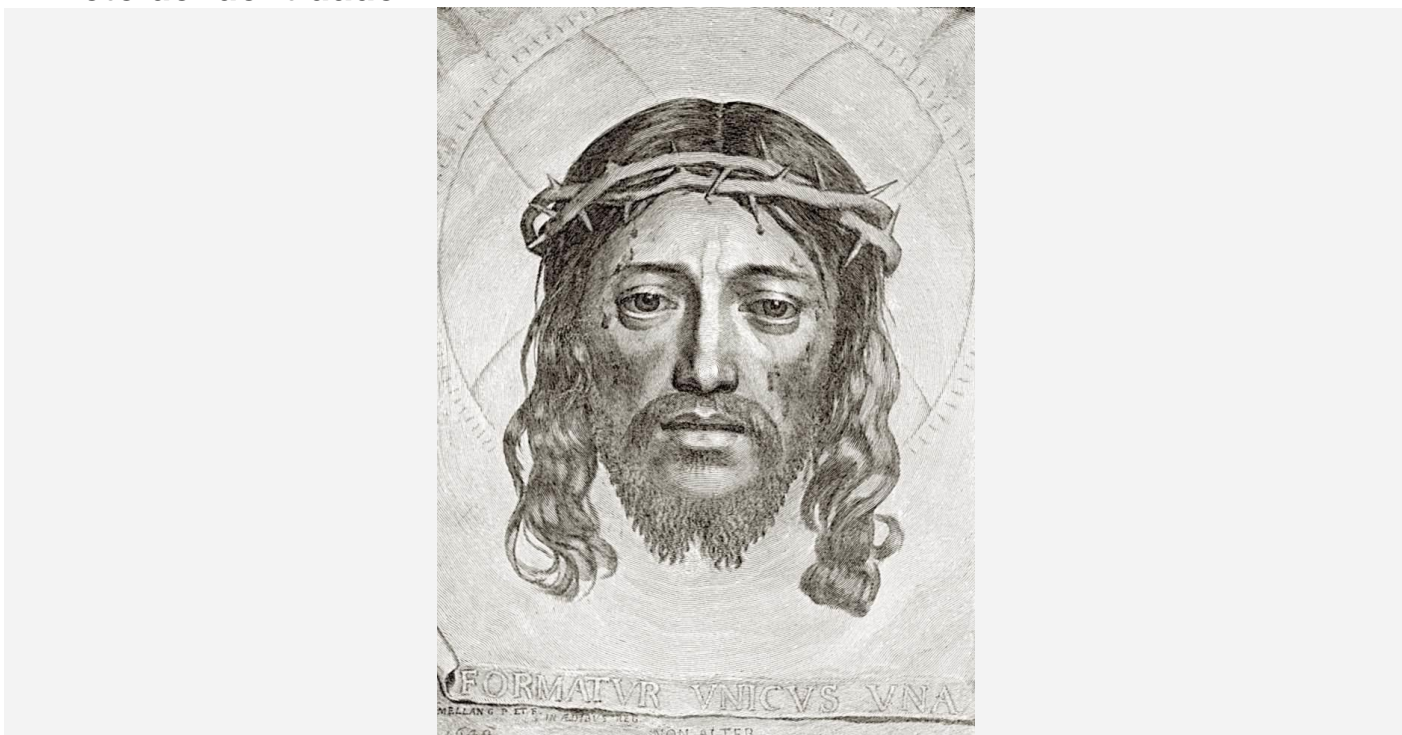
Impossível compor uma biografia de Jesus de Nazaré, cujo nascimento é assinalado desde há séculos a 25 de Dezembro – mesmo se não há certezas sobre a data exacta ou sequer sobre o próprio nascimento. Começamos então por ver que sabemos pouco. Ou talvez não. Ed Parish Sanders, um dos mais importantes estudiosos sobre a personagem histórica de Jesus, escreve n’*A Verdadeira História de Jesus*: “Há muitos aspectos sobre o Jesus histórico que permanecerão um mistério.”

Não se sabe, por exemplo, quando e onde nasceu exactamente – apesar de, na festa do Natal, se assinalar a cidade de Belém como lugar onde veio à luz, segundo a tradição. Não se sabe se teve irmãos, embora John P. Meier, autor de *Um Judeu Marginal – Repensando o Jesus Histórico* (ed. Imago / Dinalivro), uma das obras maiores dos estudos contemporâneos sobre Jesus, aponte para a probabilidade de serem legítimos os vários irmãos de Jesus.

Não se sabe ainda como viveu durante os primeiros 30 anos da sua vida. Não se sabe se se casou – Meier diz que tudo aponta para que tenha permanecido celibatário. Desconhece-se se Jesus tinha consciência plena da sua missão – ou, na linguagem crente, se era Deus.

Sabemos pouco, então, sobre Jesus? O mesmo E. P. Sanders escreve: “Sabemos que iniciou a vida pública sob João Baptista, que teve discípulos, que esperava o Reino, que foi da Galileia para Jerusalém, que fez algo hostil ao Templo, foi julgado e crucificado.” Sabemos ainda “quem era, o que fez, o que ensinou e por que morreu; e, talvez o mais importante, sabemos como inspirou os seus seguidores, que, por vezes, não o entenderam, mas que lhe foram tão fiéis que mudaram a História”.

Bilhete de identidade



Mellan, *O Rosto de Cristo no Véu de Verónica*, 1649; Londres. “O bilhete de identidade de Jesus tem alguns elementos seguros, outros menos: sabe-se que a sua família era de Nazaré, na Galileia (actual norte de Israel). Não há certezas sobre se terá nascido ali ou em Belém.” Imagem reproduzida da Wikipedia.

Uma biografia impossível? À procura de respostas, a Sociedade Missionária da Boa Nova organizou o colóquio *Quem foi, quem é Jesus Cristo?* [as actas foram entretanto publicadas, com o mesmo título, pela Gradiva].

A convite do teólogo e filósofo Anselmo Borges, vários pensadores e especialistas contemporâneos passaram por Valadares (Gaia), em Outubro [de 2011], dando um panorama do

que se conhece sobre Jesus, em várias áreas. Uma iniciativa que contou com a participação de alguns dos mais destacados teólogos espanhóis.

O bilhete de identidade de Jesus tem alguns elementos seguros, outros menos: sabe-se que a sua família era de Nazaré, na Galileia (actual norte de Israel). Não há certezas sobre se terá nascido ali ou em Belém. A tradição aponta para esta pequena cidade próxima de Jerusalém para confirmar Jesus como o messias esperado pelos judeus, a partir de textos do Antigo Testamento.

O seu pai – adoptivo, segundo a tradição cristã, já que o verdadeiro seria o próprio Deus – era artesão. O que significava que a família tinha alguns meios de sobrevivência. Depois de uns 30 anos de vida discreta, Jesus apareceu em público a ensinar uma nova doutrina e a curar pessoas aflitas que o procuravam. Por causa disso, após cerca de dois anos de vida pública, foi acusado pela elite religiosa e levado junto do governador romano, Pôncio Pilatos, que o mandou crucificar – o que terá acontecido, pensam os investigadores contemporâneos, a 7 de Abril do ano 30. Dois dias depois, vários dos seus seguidores começaram a dizer que o tinham visto vivo, ressuscitado. Para lá destes dados, quem era este homem? Este “judeu marginal”, como é designado por John P. Meier, que “viveu num recanto do Império Romano” e que, depois de uma presença de intervenção pública que “pode não ter chegado a dois anos”, “morreu como blasfemo religioso e subversivo social e político”. O que fez ou disse para ser condenado à morte? Uma “morte de cruz, própria dos escravos” numa “coligação de interesses religiosos e políticos de Jerusalém e Roma”, nas palavras de Anselmo Borges.

Xabier Pikaza, teólogo basco espanhol, adianta: o judeu Yeshua, ou Jesus, natural da Galileia, foi antes de mais um profeta escatológico, ou seja, que anunciava o fim dos tempos e a instauração do Reino de Deus. Como outros profetas escatológicos do judaísmo, não sacralizava a ordem do Templo, não recusava a ordem social, mas insistia na acção de Deus que iria “transformar a ordem social e política”.

Foi também um sábio, mestre de moral, que falava através de parábolas, diz ainda Pikaza. Foi alguém carismático, com a capacidade de curar pessoas, que gostava de estar à mesa com amigos e conhecidos. John P. Meier entende que Jesus se via a si mesmo como um messias na linha do rei David, considerado em Israel como libertador.

Essa foi uma das razões para que fosse mal visto pelas autoridades – sobretudo as religiosas. Acabaria condenado à morte, acusado de querer ser o “rei dos judeus”. O número de seguidores, a sua crítica a aspectos da lei religiosa judaica, o facto de dizer que estava iminente o fim da ordem social vigente e o seu apelo ao “reino de Deus” terão sido causas essenciais para o levar à morte, diz Pikaza.

O Jesus da gnose e o Jesus da história



Corrado Giaquinto (1703-1766), *Santíssima Trindade*: Jesus, para os gnósticos, é “a manifestação humana da primeira emanção de Deus transcendente, o seu unigénito, a sua palavra”.

Em 2003, a publicação de *O Código Da Vinci*, de Dan Brown, provocou um fenómeno mediático à volta de Jesus. O autor, que não defende uma tese original, funda-se em correntes gnósticas para afirmar um Jesus casado com Maria Madalena e com descendência em França, para onde aquela emigrara.

O Jesus da gnose “tem pouco a ver com o Jesus da História”, diz António Piñero, uma das autoridades mundiais sobre o gnosticismo cristão. O Jesus gnóstico é mesmo “uma pura construção do espírito humano”. Jesus, para os gnósticos, é “a manifestação humana da primeira emanção de Deus transcendente, o seu unigénito, a sua palavra”.

Entendendo-se como seres espirituais, os gnósticos vêem-se acima dos humanos, aos quais está reservado um de dois fins: os hílicos ou pagãos terão o seu corpo destruído totalmente, enquanto os psíquicos (cristãos integrados na Igreja), se viverem rectamente, poderão despojar-se do corpo no momento da morte e ascender a um céu inferior. Um entendimento coerente com o modo de olhar o mundo e a vida, vistos como intrinsecamente maus.

Provavelmente, a perspectiva gnóstica de Jesus fundou-se no quarto evangelho, o de João, embora este não seja mais do que “protognóstico”. Ao contrário das correntes gnósticas que se desenvolverão nos séculos II e III, o evangelho de João entende que Jesus viveu historicamente e que a sua mensagem é para todos e não apenas para alguns, poucos, eleitos.

Nas últimas décadas, e de modo surpreendente, a arqueologia tem confirmado a historicidade do quarto evangelho: ao contrário do que se pensava, lugares e factos narrados apenas no evangelho de S. João tiveram existência concreta. Um desses lugares, que se pensava serem apenas recurso narrativo, é a piscina de Siloé, perto de Jerusalém, onde Jesus curou um cego de nascença.

Polémicas mediáticas



Giotto (1266-1337), *Traição de Judas* (1304-1306), Fresco da Capela degli Scrovegni, Pádua: “A publicação do *Evangelho de Judas*, texto gnóstico do século II, em 2007, foi um desses episódios mediáticos à procura de polémica.”

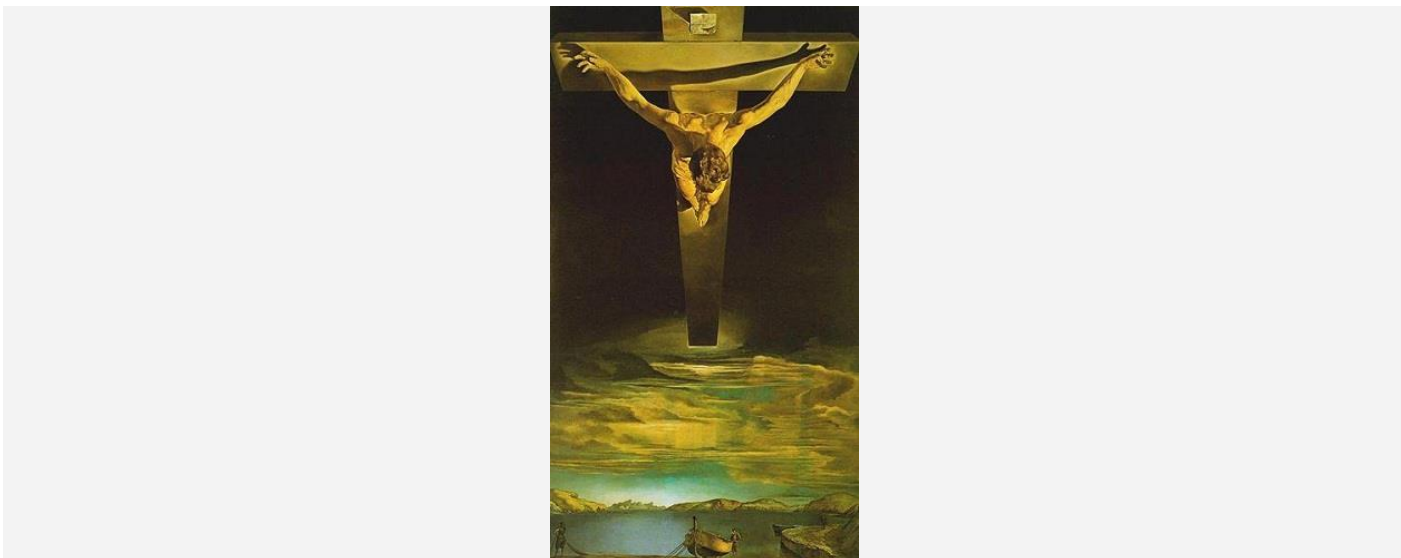
No último século e meio, as ciências bíblicas socorreram-se da arqueologia, da filologia, da crítica textual e de muitas outras disciplinas para tentar chegar mais perto do Jesus histórico. Nas últimas três décadas – sinal dos tempos? – contrapôs-se a esse movimento de rigor científico uma tendência segundo a qual basta alinhar uns quantos indícios e algumas polémicas mediáticas para afirmar supostas verdades científicas.

A publicação do *Evangelho de Judas*, texto gnóstico do século II, em 2007, foi um desses episódios mediáticos à procura de polémica. Mas o texto, ao invés de corrigir o que se sabe dos quatro evangelhos canónicos sobre Jesus, apenas permitia conhecer a história e convicção de um grupo de cristãos gnósticos, os cainitas.

Outro episódio foi a “descoberta” de um ossário supostamente pertencente a Jesus e à sua família, que durante 25 anos foi encarado por especialistas como mais um conjunto de débeis vestígios arqueológicos. Só que, em 2006, os cineastas James Cameron (realizador de *Avatar*) e Simcha Jacobovici realizaram um documentário em que pretendiam provar que aquele era mesmo o túmulo perdido de Jesus. Nos seus blogues, quer Piñero quer Pikaza criticaram veementemente os cineastas, na esteira de diversos investigadores israelitas, acusando-os de querer apenas fazer dinheiro e apontando as razões de falta de sustentação científica.

Também um filme como *A Paixão*, de Mel Gibson, pretendeu mostrar no ecrã o que teriam sido os sofrimentos infligidos a Jesus. Mas, critica Pikaza, a obra não faz mais do que apresentar um Jesus “sobrenatural”, que está “separado da história concreta e dos conflitos sócio-religiosos que estão em primeiro plano nos evangelhos”.

Jesus não sabia tudo



Salvador Dalí, *Cristo de São João da Cruz*. Museu e Galeria de Arte de Kelvingrove, Glasgow (Escócia).

Se Jesus era Deus, conheceria ele tudo o que lhe aconteceria? Juan Estrada, teólogo e professor na Universidade de Granada, diz que Jesus “não sabia tudo”. Por isso é que ele era um homem como os restantes, que aprendeu e cresceu como qualquer outra pessoa. O que não invalida a possibilidade de ser também, ao mesmo tempo, Deus – para quem crê. Mas já lá iremos.

“Se Jesus é filho de Deus, tem de ser primeiro filho”, diz Estrada. “O que não podemos é projectar sobre a vida de Jesus tudo o que viremos a saber sobre ela, depois da ressurreição.”

Estrada admite que as leituras da vida de Jesus estão condicionadas “pela perspectiva da morte e ressurreição e pela interpretação dogmática que se impôs no século IV”. É como um livro

que se começa a ler pelo fim: antes de contar a sua vida, já se conhece “a identidade do personagem, desde a sua dupla identidade de filiação e divindade”.

O resultado é um “Jesus tão divino que resulta pouco humano”, diz o teólogo espanhol. De tal modo que se faz dele um “super-homem”. Mas, contrapõe, os textos dos evangelhos apresentam, ao contrário, alguém que se vai descobrindo a si mesmo: Jesus cresce “em sabedoria e graça”, lê-se no evangelho de S. Lucas. E, em vários textos em que Jesus se relaciona com pagãos (não judeus), ele próprio se surpreende e muda a sua teoria e prática em relação a eles.

É verdade que os evangelhos utilizam o título de “filho do homem” para se referir a Jesus. Esse título, usado 66 vezes, tem uma conotação messiânica, diz Estrada. E também o distanciamento de Jesus em relação à sua família (física), que acontece durante a sua vida pública, mostra que ele se sente enviado por Deus.

Era Jesus um keynesiano antes do tempo? Apontado como amigo dos mais pobres e defensor de uma mais justa distribuição da riqueza, Jesus é radical em alguns dos seus ensinamentos, diz José Ignacio González Faus, um dos mais destacados nomes da teologia espanhola e europeia. Um desses ensinamentos é a conhecida frase: “Não se pode servir a dois senhores, a Deus e ao dinheiro.” Entre Deus e o dinheiro há uma “incompatibilidade absoluta”, diz Faus, “porque o dinheiro exige do ser humano uma rendição e uma entrega total”.

González Faus recorda que os evangelhos utilizam a palavra aramaica *mamôn* para designar o dinheiro. *Mamôn* remete para o verbo *hemin*, que significa “acreditar”, “aceitar confiadamente” – é daí que deriva a palavra *âmen*, que significa “assim seja” ou “faça-se”. “O dinheiro gera um tipo de fé de índole religiosa: daí deriva a sua incompatibilidade com a fé em Deus”, conclui o teólogo.

Faus socorre-se do economista John Maynard Keynes, que, na sua *Teoria Geral sobre o Emprego, o Juro e o Dinheiro*, escreve que o dinheiro está a substituir a dimensão religiosa, na sua função de assegurar o futuro, sempre “tão inseguro para o ser humano”. “A riqueza é para ajudar quem a não tem, não para desfrutar egoisticamente dela”, comenta González Faus.

A riqueza contra Deus



Heinrich Hofmann, *Cristo em Ascensão*, arte de rua na Ponte Vittorio Emanuele II, em Romaselo do Vaticano (pormenor) para a Páscoa de 2020.

Em *Jesus, antes do Cristianismo* (ed. Paulinas), o sul-africano Albert Nolan, biblista e padre da Ordem dos Pregadores, ou dominicanos, concorda: “A busca de riqueza está diametralmente oposta à busca de Deus ou do *Reino* de Deus.” E acrescenta que, além de se ter oposto às autoridades religiosas do judaísmo, Jesus também se confrontou com os homens de negócios e as autoridades judaicas de Jerusalém.

O eurodeputado Paulo Rangel, do PSD, que também falou no colóquio, sobre Jesus e a política, tem uma perspectiva diferente. Refugiando-se nos textos dos quatro evangelhos, e “com

a liberdade que só a ignorância permite”, diz que não se descobre neles uma “teoria geral de Jesus” sobre a política.

“A relação de Jesus e da sua mensagem sobre a política” é de carácter “fragmentado, intermitente e aberto”. Para Rangel, não se detecta na vida de Jesus um *momentum* maquiavélico, de afirmação de intervenção política. “Não há um fechamento de Jesus à política e ao político, mas não há um *momentum* político”, diz o eurodeputado.

No debate entre “conservadores” e “progressistas”, prossegue Rangel, foram os “progressistas” que denunciaram o conluio da religião com o poder. Mas são estes que mais insistem numa leitura política da personalidade de Jesus, colando-a a um modelo – ainda que, admite, Jesus se preocupe com os mais pobres e os mais desfavorecidos. O que o eurodeputado gostaria era de ver a Igreja Católica a deixar “cair os sinais políticos” que foram, porventura, úteis no passado, mas que “hoje não são necessários”.

Memória apagada



Philippe Lejeune, *Le repas chez Simon* (“Refeição em casa de Simão”, 1950): “Jesus provavelmente não se casou. Mas várias mulheres acompanharam-no, no grupo de seguidores mais próximos, durante os dois anos e meio que terá durado a sua vida pública.”

Jesus provavelmente não se casou. Mas várias mulheres acompanharam-no, no grupo de seguidores mais próximos, durante os dois anos e meio que terá durado a sua vida pública. Mas não discriminou Jesus as mulheres, pelo facto de não ter nenhuma entre os doze apóstolos?

“Não há dúvida que Jesus era judeu e estava inserido na cultura judaica”, diz a professora universitária Isabel Allegro de Magalhães, que tem investigado o tema. Mas Jesus fez rupturas, que escandalizaram mesmo os mais próximos. Isabel Allegro defende que Jesus não se limitou a seguir a ortodoxia judaica do seu tempo, mas também não foi um reformador. Antes deu prioridade à ideia da inclusão dos mais pobres e dos marginalizados – entre os quais as mulheres.

Diversos estudos recentes apontam também para um papel das seguidoras de Jesus mais preponderante do que até há pouco era admitido. Maria Joaquina Nobre Júlio, autora de *Jesus e as Mulheres dos Evangelhos* (ed. Multinova), dissecou os episódios dos evangelhos para verificar que várias mulheres seguiam Jesus com um papel importante no grupo dos discípulos. E na biografia *Paulo* (ed. Paulinas), Murphy O’Connor escreve que S. Paulo colocou várias mulheres a liderar as comunidades cristãs que ele fundava – realidade que está retratada em vários mosaicos bizantinos, mas foi depois apagada da memória cristã, como o suíço Daniel Marguerat escrevia, em 2006, em *Le Monde de La Bible*.

O facto que abalou o mundo



Francisco de Zurbarán (1598–1664), *Cordeiro de Deus*, Museu de Arte, San Diego, Califórnia, USA.

Jesus ressuscitou? Questão central do cristianismo, a ressurreição permanece um “obscuríssimo mistério”, como diz Andrés Torres Queiruga, teólogo galego, traduzido em vários países. Zaratrustra já falava da ressurreição antes da Bíblia, recorda. E, na Bíblia, os relatos da ressurreição de Jesus são todos diferentes uns dos outros.

“Estamos a falar de algo que não é possível comprovar”, admite este teólogo. Sanders escreve: “Nada é mais misterioso do que a história da sua ressurreição, que tenta retratar uma experiência que os próprios autores não conseguiram compreender.”

José António Pagola que, com *Jesus – Uma Abordagem Histórica*, enfrentou a censura de alguns bispos espanhóis, limita-se a verificar que, historicamente, apenas se pode comprovar a fé dos primeiros seguidores de Jesus na ressurreição.

De outro modo, o escritor francês Jacques Duquesne escrevia há década e meia, em *Jesus*, uma obra que fez polémica em França: “A História não poderá dizer se Jesus está vivo, ou se, pelo contrário, morreu para sempre no dia 7 de Abril do ano 30. O que pode, porém, dizer é que se passou alguma coisa naqueles dias, um acontecimento que, abalando aqueles homens e mulheres, abalou o mundo.”

(Este texto foi publicado inicialmente no Público de 24 de Dezembro de 2011; as referências temporais devem ser lidas em relação a essa data.)